

## **Raça e projeto nacional no ideário de José Martí**

Janete Abrão \*

**RESUMO:** José Martí, além de sua significativa obra poética e crítica e de sua contribuição teórica no que se refere ao âmbito político, em seu inalterável compromisso com a independência de Cuba e a fundação de uma república e de uma identidade cubana, há legado também considerações sobre a raça e críticas ao racismo em um contexto – o de fins do século XIX -, marcado pelo determinismo, pelo darwinismo social e por teorias que exaltavam a necessidade das nações evitarem a mestiçagem em prol de seu desenvolvimento. Neste sentido, este estudo pretende analisar, no ideário de José Martí, a questão racial e sua relação com o projeto nacional cubano.

**Palavras-chave:** raça, projeto nacional cubano, José Martí

**ABSTRACT:** Beyond the significant poetic works, the criticism and theoretical contribution of José Martí, what is concerned in politics subject, in his trustworthy commitment with Cuba Independence and the creation of a Cuban Republic and identity; we also will explain a legacy of considerations about race and criticism to the racial discrimination in a context of – 19th century's end – emphasized by determinism, social Darwinism and by theories that praised the nations' need to avoid the miscegenation in favor of their growing. In this sense, this study means to analyze the racial matter and its relation with national Cuban project, both of them on José Martí's philosophy.

**Keywords:** race, national Cuban project, José Martí.

Político, filósofo, escritor, jornalista e poeta, José Julián Martí Pérez, é cultuado em Cuba como o grande mártir da independência deste país. Seu pensamento foi de tal maneira importante que transcendeu as fronteiras de Cuba alcançando caráter internacional, além de representar grande influência na cultura cubana e demais culturas políticas latinoamericanas até os dias de hoje.

Quando José Martí nasceu em Havana, em 28 de janeiro de 1853, Cuba permanecia sob a égide da Espanha e era uma das últimas províncias do Ultramar do já decadente império. Filho de um espanhol de Valência e de mãe proveniente das Ilhas Canárias, José Martí, aos dezesseis anos, influenciado pelas idéias emancipacionistas de seu professor, o poeta Rafael Maria de Mendive, publica seu primeiro drama patriótico em versos, o “Abdala”, no único número do jornal *La Patria Libre*. Este período é marcado pelo início da primeira luta pela soberania de Cuba, que ficou conhecida como a *Guerra dos Dez Anos* (1868-1878), a qual é apoiada publicamente pelo escritor. O clima é de pesada repressão e Martí acaba sendo preso devido aos seus ideais revolucionários: uma carta assinada por ele e seu melhor

---

\* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutora em História Contemporânea (UB).

amigo, Fermín Valdés Domínguez, em que censuravam a conduta de um jovem que havia se aliado à causa do colonialismo espanhol é encontrada na casa onde Martí estava com um grupo de amigos. Devido ao fato, é condenado a seis anos de trabalhos forçados por sua participação política. Cabe acrescentar que, durante seis meses, é condenado a quebrar pedras na ilha de los Piños, a perversa prisão política de Cuba. Devido a sérios problemas de saúde agravados pela prisão, e por conta dos esforços de sua mãe, consegue o indulto e é deportado para a Espanha em 1871, aos dezoito anos. Na Espanha, publica *El Presidio Político em Cuba*, o primeiro de muitos manifestos sobre a independência, no qual conta os horrores que passou na prisão. Passa a articular a emancipação de Cuba com outros conterrâneos que se encontram no exílio, e levanta o tema da independência da colônia na imprensa espanhola. Em 1874, é licenciado em Direito, Literatura, Filosofia e Letras pela Universidad de Zaragoza. Muda-se para a França e, em 1875, para o México. Em 1877 viaja para a Guatemala, onde leciona na Universidad Nacional. Volta à Cuba em 1878, com o fim da *Guerra dos Dez Anos*, mas é novamente deportado no ano seguinte devido as suas atividades revolucionárias na denominada *Guerra Chiquita*, que durou um ano, de 1879 a 1880. Segue para os Estados Unidos onde vive em Nova York, entre 1881 e 1885. Antes, passa um curto período de tempo na Venezuela, mas tem problemas com o governo local e retorna à Nova York, onde trabalha nos jornais *The Hour* e *The Sun*. No ano de 1882 escreve artigos para o jornal argentino *La Nación* e publica *Ismaelillo*, poema considerado o precursor do modernismo hispanoamericano (MARINELLO, 1976).

No ano de 1891, mais especificamente em 30 de janeiro deste ano, Martí publica, no jornal mexicano, - *El Partido Liberal* -, um ensaio: *Nuestra América*, cujas idéias encontram-se presentes em grande parte de suas obras. Este ensaio tem como característica primordial a afirmação da identidade e a originalidade de Cuba e dos povos da América, no qual valoriza a história e a cultura dos mesmos. Seu pensamento de caráter antiimperialista demonstra a luta contra a exploração do colonialismo espanhol e, posteriormente, a dominação norteamericana sobre os povos da América. Para Martí, a presença da dominação externa, tanto espanhola quanto norteamericana, impossibilita a eficaz realização do “homem natural” e de “Nuestra América”. Segundo Martí, é necessário unir forças para o livre desenvolvimento e independência dos povos americanos, dando origem a sua própria autonomia.

Em 1892, funda o *Partido Revolucionário Cubano*, sendo eleito organizador da luta pela independência de seu país. No mesmo ano, funda um jornal diário contra o colonialismo espanhol, o *Patria*. Dois anos depois, em 1894, é nomeado Cônsul do Uruguai, mas logo renuncia devido as suas atividades políticas. Neste mesmo ano, passa a dirigir a revista *La*

*América*. Enfim, dotado de amplíssima cultura humanística (era professor de literatura francesa, inglesa, alemã e italiana, além de história e filosofia), escreve para dezenas de jornais sobre literatura, política, artes, assim como trabalha como tradutor.

Viaja para diversos países da América Central e estabelece contato com os líderes da revolução: Máximo Gómez e Antonio Maceo. No ano seguinte, em 25 de março de 1895, escreve – junto a Máximo Gómez – o *Manifiesto de Montecristo*, na Ilha de São Domingo, no qual esboçou a política para a guerra de emancipação: ficou determinado, entre outros aspectos, que finalmente com a libertação de Cuba todos deveriam lutar pelo desenvolvimento político e econômico do país. Em abril do mesmo ano, retorna à Cuba para articular a luta pela independência. Martí morre em 19 de maio de 1895, após seu pequeno contingente de revoltosos enfrentar as tropas espanholas no vilarejo de Dois Rios. É mutilado pelos soldados e exibido à população. É sepultado em Santiago de Cuba. O levante prosseguiu mesmo sem seu mentor intelectual (COLAS, 2004, p.446-447). Após este breve recorrido sobre sua formação intelectual e trajetória política, cabe analisar a relação entre seu pensamento político, a questão racial e seu projeto de “construção” de uma identidade e nação cubana. Segundo afirma Pedro Pablo Rodríguez:

*[...], para Martí, la república por fundar en Cuba sería de trabajo y equilibrio entre sus componentes sociales, para asegurar la presencia e influencia crecientes de los intereses populares preteridos. [...]. Su república de ‘mayoría popular’ debería resolver los problemas acumulados durante los cuatro siglos de colonialismo, entre ellos el de la plena igualdad entre las razas (2005, p. 5).*

Portanto, se evidencia que a república<sup>1</sup> a ser fundada em Cuba, conforme o ideário de José Martí, não se restringe às questões de ordem política, mas também abarca o âmbito social e racial. Não obstante, o que Martí entende por *raça*? Pedro Pablo Rodríguez esclarece que:

*En rigor, la revisión de su obra del empleo de la palabra raza indica el alto sentido polisémico que le confería, a veces como sinónimo de culturas, a veces como agrupamientos según la conducta ética seguida por los individuos, en evidente oposición, en este caso, al entendimiento de las razas como asunto de diferencias fenotípicas, étnicas y hasta culturales. Probablemente su último acercamiento al asunto lo escribió en ‘La verdad sobre Estados Unidos’, artículo publicado en su periódico Patria, el 23 de marzo de 1894, [...]: ‘No hay razas: no hay más que modificaciones diversas del hombre, en los detalles de hábito y formas que no les cambian lo idéntico y esencial, según las condiciones de clima e historia en que viva (2005, p.13).*

---

<sup>1</sup> Sobre o pensamento republicano de José Martí ver: ARMAS, Ramón de. *La Revolución propuesta*. Habana: Editorial de [Ciencias](#) Sociales, 1975.

Como argumenta o próprio José Martí:

*Esa de racista está siendo una palabra confusa, y hay que ponerla en claro. El hombre no tiene ningún derecho especial porque pertenezca a una raza u otra: dígase hombre, y ya se dicen todos los derechos. El negro, por negro, no es inferior ni superior a ningún otro hombre: peca por redundante el blanco que dice: ‘mi raza’; peca por redundante el negro que dice: ‘mi raza’. Todo lo que divide a los hombres, todo lo que los especifica, aparta o acorralla, es un pecado contra la humanidad. [...]. La afinidad de los caracteres es más poderosa entre los hombres que la afinidad del color (1963, p.298-300).*

Em realidade, as concepções de José Martí com relação à questão racial se afastam do conjunto de idéias e doutrinas predominantes na Europa e na América Latina a partir da segunda metade do século XIX: o darwinismo social e o evolucionismo spenceriano de cunho positivista. Cabe esclarecer que, em fins do século XIX, *raça* era um conceito que servia de fronteira em termos de cidadania: a nação cubana era concebida pelas elites como exclusivamente branca, excluindo os negros de qualquer possibilidade de serem considerados cidadãos e, portanto, “nacionais”. Martí, por sua parte, desejando formar uma nação cubana a partir da realidade interna, isto é, a partir da diversidade que a compunha, se opõe a tais doutrinas e ao determinismo e acaba por negar o próprio conceito de *raça*:

*Non existe ódio de raças, porque não existem raças. Os pensadores raquíticos, os pensadores de lampiões, tecem e requeimam as raças de livraria, que o viajante justo e o observador cordial procuram em vão na justiça da Natureza, onde se destaca no amor vitorioso e no apetite turbulento, a identidade universal do homem. (MARTÍ, 1963, p. 200).*

Portanto, para José Martí, a *raça* seria uma invenção de “letrados artificiais” e a diferença entre as raças seria uma das justificativas dos imperialistas para poder conquistar ou manter seu domínio sobre outras nações e culturas. Conforme assegura Eugênio Rezende de Carvalho:

*Contra o sentimento de inferioridade e desdém em relação ao ser americano, em particular à raça mestiça, Martí entoou um hino ressaltando o orgulho de ser americano. Esse povo que saberia, com todos os seus problemas e dificuldades, encontrar seu próprio caminho, com suas próprias forças, com a maturidade e experiência de seus longos sofrimentos. [...]. No afã inclusive de condenar as explicações de caráter biologista, racista, que justificavam as desigualdades entre “civilização e barbárie”, Martí chegou inclusive a exagerar na aceitação de uma boa fé e boa vontade de todos, [vontade] capaz de superar os antagonismos sociais. Onde o homem moderno via “civilização e barbárie”, Martí via distintas culturas, igualmente interessantes, que integravam a grande identidade humana. (1998, p.15-16).*

A “construção” de uma identidade cubana, e a da América Latina como um todo, deveria, para José Martí, estarem alicerçadas sobre bases autóctones. “Compreendia”, conforme afirma Rezende de Carvalho, “que os modelos importados impediam a interpretação da própria realidade, desestimulava a criatividade e a imaginação desses povos, tão necessárias para a superação de seus problemas e conflitos de identidade”(1998, p.15). Em outras palavras, Martí reconhece a “crise de identidade” que assolava as colônias espanholas e todos os povos colonizados, fruto justamente do passado colonial, mas diferentemente da maioria dos políticos e intelectuais latinoamericanos de sua época, que absorvia cegamente os pressupostos e as soluções européias e norteamericanas para os problemas relativos ao desenvolvimento desse continente, Martí defende a tese de que a única forma legítima de governar um país é conhecer suas próprias raízes, valorizar sua cultura e o que há de mais autêntico nela e, a partir daí, buscar soluções que partam da análise crítica da realidade vivida. Para o político cubano, “la política no es ciencia prestada; sino que ha de ser propia. Al país, lo del país, y nada menos de lo que necesita el país” (MARTÍ, 1963, p.216). Já no que se refere ao âmbito social assegura, em março de 1893, o seguinte:

*La República, en Puerto Rico como en Cuba, no será el predominio injusto de una clase de cubanos sobre las demás, sino el equilibrio abierto y sincero de todas las fuerzas reales del país y del pensamiento y deseo libres de los cubanos todos. No queremos redimirnos de una tiranía para entrar en otra. No queremos salir de una hipocresía para caer en otra. Moriremos por la libertad verdadera; no por la libertad que sirve de pretexto para mantener a unos hombres en el goce excesivo, y a otros en el dolor innecesario. (1963, p.255).*

Como líder político, busca a unidade em torno da *pátria* e a “construção” de uma identidade nacional cubana, e denuncia “[...] el peligro de pretender dividir a los cubanos mediante el racismo, línea de acción seguida habitualmente por el colonialismo español” (RODRÍGUEZ, 2005, p. 6). Assim sendo, afirma categoricamente que:

*En Cuba no habrá nunca guerra de razas. La República no se puede volver atrás; y la República, desde el día único de redención del negro en Cuba, desde la primera constitución de la independencia el 10 de abril en Guáimaro, no habló nunca de blancos ni de negros. Los derechos públicos, concedidos ya de pura astucia por el Gobierno español e iniciados en las costumbres antes de la independencia de la Isla, no podrán ya ser negados, ni por el español que los mantendrá mientras aliene en Cuba, para seguir dividiendo al cubano negro del cubano blanco, ni por la independencia, que no podría negar en la libertad los derechos que el español reconoció en la servidumbre. Y en lo demás, cada cual será libre en lo sagrado de la casa. El mérito, la prueba patente y continua de cultura y el comercio inexorable acabarán de unir a los hombres. En Cuba hay mucha grandeza, en negros y blancos (1963, p. 300).*

Para José Martí, a diferença racial não poderia sobrepor-se à existência de uma identidade fundamental que se situava acima de todas às outras: a “identidade universal” do ser humano. Martí foi o principal mentor intelectual do processo de “construção” de um projeto nacional cubano em fins do século XIX e influenciou na “construção” de uma identidade latinoamericana, no entanto, profundo humanista, acreditava que a nação cubana que desejava construir era uma nação entre as demais nações. Neste sentido, afirma que: “hombre es más que blanco, más que mulato, más que negro. Cubano es más que blanco, más que mulato, más que negro” (1963, p. 299). Segundo Pedro Pablo Rodríguez,

*Algunos críticos, que han surgido últimamente, acusan a Martí de omitir los elementos culturales propios de los negros y de ofrecer un panorama idílico y falseado de la igualdad racial durante las luchas por la independencia. Así, descontextualizan y deforman estas frases al eliminar la primera y citar solamente la segunda con lo que se quiebra y se deforma la secuencia lógica argumentativa martiana, que es la siguiente: hombre, o sea, humanidad, es el concepto clave y superior, que sintetiza todas las cualidades de cada grupo y de cada individuo; cubano – como cualquier otra nacionalidad – es para él un concepto incluido dentro de la humanidad. (RODRÍGUEZ, 2005, p. 13-14).*

Em outras palavras, a grandeza de Cuba, para José Martí, residia justamente não só na valorização de sua diversidade interna, mas no caráter humano de todos àqueles que a constituem. Por fim, seu conceito de *pátria*, que pode ser encontrado no conjunto de sua obra, sintetiza de forma explícita seu pensamento: para Martí, “Pátria é humanidade”.

### **Referências Bibliográficas:**

- COLAS, Dominique. “José Martí (1853-1895): les droits de l’homme contre raciste blanc et raciste noir”. In: *Races et racisme: de Platón a Derrida*. Paris: Plon, 2004, p.446-457.
- MARINELO, Juan. *José Martí*. Madrid: Jucar, 1976.
- MARTÍ, José. *Obras Completas*. La Habana: Editorial Nacional de Cuba, 1963, v.2.
- REZENDE DE CARVALHO, Eugênio. “Ideais e identidade na América: quatro visões.” In: *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS, v. 24, n. 2, dezembro de 1998, p. 7-28.
- RODRÍGUEZ, Pedro Pablo. “El negro y la africanía en el ideario de José Martí. Cuatro notas para una propuesta metodológica”. In: *Tierra Firme*, v. 23, n. 89, Caracas, enero 2005.

**Bibliografia:**

ARMAS, Ramón de. *La Revolución propuesta*. La Habana: Editorial de [Ciencias Sociales](#), 1975.

BAQUERO, Gastón. *Índios, blancos y negros en en caldero de América*. Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica/ICI, 1991.

HUGH, Thomas. *Historia contemporânea de Cuba*. Barcelona: Grijalbo, 1982.

PEIXOTO, Fernando. *José Martí. Nossa América*. São Paulo: Hucitec, 1991.